O Infante Navegador: Poemeto

Alfredo Campos

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

O Infante Navegador: Poemeto

Alfredo Campos

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Pedro Saborano (produced from scanned images of public domain material from Google Book Search)

ALFREDO CAMPOS

O INFANTE NAVEGADOR

POEMETO

COM UM PREFACIO

DE

JOÃO PENHA

PORTO

Livraria Internacional de Ernesto Chardron

Casa editora

M. LUGAN, Successor

1894

Todos os direitos reservados

PORTO--TYP. DE A. J. DA SILVA TEIXEIRA _Cancella Velha, 70_

ALFREDO CAMPOS

O INFANTE NAVEGADOR

POEMETO

COM UM PREFACIO

DE

JOÃO PENHA

PORTO

Livraria Internacional de Ernesto Chardron

Casa editora

M. LUGAN, Successor

1894

Todos os direitos reservados

AO ILL.MO E EXC.MO SNR.

Conselheiro Luis Augusto Pimentel Pinto

RESPEITOSAMENTE OFFERECE

O AUCTOR.

Ill.mo e Exc.mo Snr.

_Tomo a liberdade de offerecer a V. Exc.ª este modestissimo

trabalho, não porque o tenha como valioso, mas, sim, para significar a V. Exc.ª, por esta maneira, a consideração, estima e gratidão, que tributo a V. Exc.ª, aquellas por sympathia, esta pelas provas de deferencia, benevolencia e bondade que de V. Exc.ª hei recebido, civil e militarmente._

Sei que V. Exc.ª me concederá a mercê, de o acceitar, e penhorado agradeço a graça.

Considere-me V. Exc.ª como quem muito se honra, subscrevendo-se

De V. Exc.ª

Ovar, 1 de Janeiro de 1894.

subordinado, attento venerador, obrigado e admirador

Alfredo Campos

Major d'Infantaria.

PREFACIO

Em 1865, alguns poetas que se achavam reunidos no cubiculo interior da modesta livraria de um editor de Paris, resolveram, depois de animada discussão, _inter pocula_, publicar um periodico de versos.

Esses poetas eram: François Coppée, André Lemoyne, Paul Verlaine, Léon Dierx, e José Maria de Heredia; o editor era Lemerre.

Ha um proverbio francez que diz que não ha ninguem que, uma vez na vida, não encontre a occasião de se enriquecer: tudo depende de não a deixar escapar.

Para Lemerre o momento psychologico, de que mysteriosamente dependia a sua fortuna, foi aquelle.

Viu a Occasião, agarrou-a pelos cabellos, e no mez de janeiro do anno seguinte dava á luz o 1.º numero do periodico, que fôra intitulado: _Parnasse Contemporain_. Era mensal, e d'elle ha publicadas tres séries; a primeira abrange o anno de 1866, a segunda, principiada em 1869, e interrompida pela guerra franco-prussiana, concluiu em 1871; a terceira e ultima sahiu em 1876.

O exito d'esta publicação foi enorme: a edição esgotou-se, e Lemerre, que a encetára pobre, em dia de bons auspicios, ganhou alentos e é actualmente um dos mais faustosos editores da grande cidade.

Do titulo do periodico adveio para os seus numerosos collaboradores a denominação de _poetas parnasianos_.

Catulle Mendès dá-lhe outra origem, mas a real é a que deixamos indicada: estas coisas vêem-se melhor de longe do que de perto.

Já ha muito publicavamos em Coimbra a _Folha_, quando Eça de Queiroz, enthusiasmado, nos assignalou o novo periodico, incitando-nos a implantar entre nós a que elle chamava poesia do futuro.

Acostumados á leitura exclusiva dos cinco ou seis poetas que, por aquella épocha, se liam e discutiam em Coimbra, surprehendeu-nos a nova publicação, não tanto pela novidade que poderia notar-se no seu elemento poetico propriamente dito, mas sim, principalmente, pela correcção quasi scientifica da fórma.

Póde affirmar-se que foi ahi que, em França, teve principio a moderna evolução do verso, evolução que nós, que absolutamente

desconheciamos aquelle movimento, tambem tinhamos iniciado na _Folha_.

Este phenomeno poderia explicar-se por uma das leis de Vico.

Dissemos que no _Parnaso_ não havia innovações no elemento poetico, e realmente, a não ser a exclusão de alguns dos velhos assumptos convencionaes, o que se observava era que os novos poetas (não nos referimos á sua idade segundo os repertorios) continuavam como até ali a poetar, de harmonia com os seus temperamentos, segundo a sua propria originalidade. Via-se que os não unia nem communhão de idéas ou de sentimentos e tradições, nem até um mesmo systema ou methodo de execução: não formavam uma escóla: unia-os apenas um principio, que manifestamente haviam adoptado por influencia de Th. Gautier e de Banville, o de que poesia sem arte não é poesia; não tem outro valor senão o dos pensamentos que contém: é prosa.

Para esses parnasianos, portanto, que são os que actualmente constituem a mais gloriosa constellação de poetas do seculo XIX, isto é, para Baudelaire, F. Coppée, Sully-Prudhomme, Soulary, Leconte de Lisle, André Lemoyne, Glatigny, Catulle Mendès, Armand Silvestre, Th. de Banville, Léon Valade, Paul Verlaine, Léon Dierx, José Maria de Heredia, Em. des Essarts, e para muitos outros, não ha arte aonde o verso não é absolutamente correcto.

Mas, a evolução da fórma consistirá só n'isso, parará ahi?

Com certeza que não.

Aquelle principio adoptado pelos parnasianos, não é realmente novo; os grandes poetas latinos sempre o seguiram, e foi na _Epistola ad

Pisones_, que o Tasso, Camões, Ariosto, e outros, o encontraram, adoptando-o.

O conhecimento amplissimo da lingua, tão necessario para quem faz um poema, como o da combinação das côres para quem pinta um quadro, e a sciencia da revelação do pensamento pela fórma mais nitida, mais perfeita e mais adequada a esse pensamento, são as duas bases em que assenta aquelle principio.

O primeiro d'estes elementos de construcção e de composição technica estuda-se nos classicos; o segundo nas obras dos grandes escriptores. Este, porém, deve-o sobretudo estudar o poeta comsigo mesmo; porque um mesmo pensamento não só póde ser apresentado, sem alteração alguma, por palavras diversas, mas tambem pelas mesmas palavras combinadas de maneiras differentes.

Já o _Mestre de Philosophia_ o indicava, na comedia de Molière, ao _Burguez Gentilhomem_:

Mr. Jourdain sentira-se enamorado de uma dama da sociedade elegante, e queria escrever-lhe qualquer coisa n'um bilhetinho, que lhe deixaria cahir aos pés.

A este respeito abriu-se com o seu Mestre de Philosophia.

--«É em verso que quer escrever-lhe?--perguntou-lhe este.

--Não; nada de verso.

--Então quer tudo em prosa?

--Não; não quero nem prosa nem verso.

--Ha de ser uma ou outra coisa.

--Porque?

--Por uma razão muito simples; porque para nos exprimirmos não ha senão a prosa ou os versos.

--Não ha senão a prosa ou os versos?

--Não. Tudo que não é prosa é verso, e tudo que não é verso é prosa.

--E, quando eu fallo, isso que é?

--É prosa.

--Como! quando eu digo: ó José, traz-me os meus sapatos, e dá-me o meu barrete de dormir, isto é prosa?

--Sim, senhor.

--É boa! Ha quarenta annos que fallo em prosa sem o saber! Muito obrigado pelas suas instrucções. O que eu queria pôr no bilhete era:--_Bella marqueza, seus bellos olhos fazem-me morrer d'amor_; mas queria que isto fosse posto de uma maneira galante, torneado com elegancia.

--Pôr: que o fogo dos seus olhos lhe reduz o coração a cinzas, que soffre dia e noite as violencias d'um...

--Não, não, não. Não quero nada d'isso. Não quero senão o que lhe disse:--_Bella marqueza, seus bellos olhos fazem-me morrer d'amor._

--Comtudo, sempre é necessario estender isso um pouco mais.

--Não, repito. Não quero senão essas unicas palavras no bilhete, mas torneadas á moda, arranjadas como o devem ser. Obsequeia-me, dizendo-me, para eu ver, as diversas maneiras de as pôr.

--Primeiramente podem pôr-se da maneira que me disse: _Bella

marqueza, seus bellos olhos fazem-me morrer d'amor._ Ou então:--_D'amor morrer me fazem, bella marqueza, seus bellos olhos._ Ou então:--_Seus olhos bellos, d'amor me fazem, bella marqueza, morrer._ Ou então:--_Morrer seus bellos olhos, bella marquesa, d'amor me fazem._ Ou então:--_Me fazem, seus olhos bellos morrer, bella marqueza, d'amor._

--Mas de todas essas maneiras qual é a melhor?

--A sua: _Bella marqueza, seus bellos olhos fazem-me morrer d'amor!_

--E comtudo não tive estudos, fiz isso logo á primeira! Muitissimo obrigado».

A resposta final do Mestre de Philosophia, se o caso não fosse de puro gracejo, não poderia ser applicada, sem restricções, ao verso, não só porque das diversas formulas de qualquer pensamento deve ser escolhida a que fôr melhor segundo as circumstancias, mas tambem porque, como diz um poeta obscuro:

«Prosa e verso têm balisas».

Tudo isto, porém: conhecimento cabal da lingua, e sciencia technica da construcção, não passa do que é estrictamente rudimental na composição poetica.

A moderna evolução do verso, iniciada, como dissemos, pelos parnasianos, tende, no seu movimento ascensional para a perfeição artistica, a pôr de accordo o pensamento e a fórma, a idéa e o som, a melodia e a harmonia.

A este respeito, transcreveremos aqui as idéas que já n'outra parte

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com